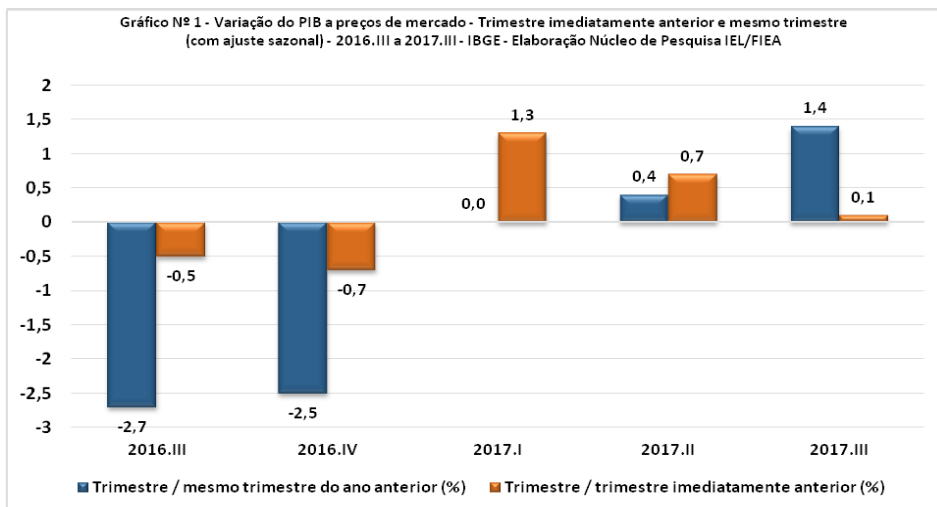




## SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

### O PIB do Brasil no 3º Trimestre de 2017

A variação do PIB no terceiro trimestre deste ano quando comparada ao segundo trimestre, com ajuste sazonal, foi de 0,1%, o que confirma tecnicamente a saída do país da recessão. Na comparação com igual período do ano anterior há nítida recuperação das taxas que em grande parte pode ser atribuída a baixa base de comparação. A revisão realizada pelo IBGE com ajustes para cima das taxas do primeiro e segundo trimestres aumenta as chances de crescimento do PIB próximo a 1% em 2017, mesmo que o resultado do quarto trimestre repita o do terceiro. Por sua vez, a trajetória descentente das taxas de crescimento do PIB na margem (trimestre/trimestre imediatamente anterior), como pode ser observado no gráfico nº 1, indica que a recuperação está se dando em um ritmo muito lento, o que aumenta os riscos à sua sustentabilidade em um ambiente de maior instabilidade interna e externo. O consumo das famílias com dois trimestres seguidos de crescimento na ordem de 1,2% é o grande responsável pelos resultados positivos do PIB. Fatores como continuidade da trajetória descendente da taxa de inflação, redução da taxa de desemprego, mesmo que com o aumento do emprego informal, menor alavancagem financeira das famílias junto com aumento da oferta de crédito a pessoa física contribuíram para o aumento dos gastos das famílias, que respondem por aproximadamente 65% do PIB. A boa notícia, que precisa ainda ser confirmada nos próximos trimestres, é que o investimento teve crescimento na margem de 1,6% em função da maior demanda por implementos agrícolas. É importante observar, no entanto, que o investimento mesmo com o resultado do terceiro trimestre ainda se encontra 28,22% abaixo do pico alcançado no terceiro trimestre de 2013 e o consumo das famílias em um nível 4,12% menor. O consumo do governo vem apresentando sistemáticas reduções na margem, em função da política de ajuste fiscal, o que tem levado a uma redução de -0,6% quando comparada a igual período do ano anterior. Dado que os gastos



do governo respondem por 20% do PIB este é um fator que tem contribuído para tornar a recuperação mais lenta uma vez que falta espaço fiscal para a realização de investimentos em infraestrutura. Outro fator do lado da demanda que contribuiu para um menor dinamismo do PIB no terceiro trimestre foi o crescimento das importações acima das exportações, em razão do crescimento do consumo e dos investimentos favorecidos pela apreciação da taxa de câmbio. Do ponto de vista da produção, o setor agropecuário dá continuidade ao processo de ajuste na margem com queda de -3,0%, após registrar safra recorde no início do ano, apesar de na comparação com igual período do ano anterior apresentar crescimento de 9,1%. A indústria, por sua vez, tem apresentado taxas oscilantes na margem nos últimos quatro trimestres: -1,2%; 1,2%; -0,4% e 0,8%. Ou seja, também tem demonstrado um ritmo gradual de recuperação e, na média, melhor do que 2016 o que é um aspecto positivo uma vez que o pior ficou para trás. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), "se o

desempenho industrial até o momento mostra fraqueza, pelo menos, na maior parte do ano, se não houve acréscimo aos resultados, tampouco a indústria sucumbiu a novas perdas. Por essa razão e pelas bases baixas de comparação, o crescimento acumulado em 2017 até o mês de outubro chegou a 1,9%, podendo encerrar o ano acima de 2%. Os dados de outubro trouxeram ainda uma indicação de que o quadro industrial pode vir a melhorar proximamente, conferindo maior consistência à trajetória de recuperação. Isso porque a disseminação de taxas positivas entre os ramos industriais progrediu razoavelmente. O índice de difusão atingiu 61,9%, bastante acima da média para o mês de outubro (42,1%) e a melhor marca desde abril de 2013 (66,7%)". Em relação ao setor de serviços, que responde por quase 70% do PIB, continuou apresentando resultados positivos na margem nos três primeiros trimestres do corrente ano (0,3%; 0,8% e 0,6%) muito beneficiado pelos resultados positivos do setor de comércio.

### Selic atinge mínima histórica: 7,0%aa

Em linha com as expectativas do mercado financeiro, o Banco Central do Brasil (BCB) cortou a selic em 50pb na última reunião de 2017 do Comitê de política Monetária (COPOM), levando-a a mínima histórica de 7,0%aa. De acordo com o departamento de economia do Bradesco, "o Comitê levou em conta o comportamento da inflação, que permanece favorável, com diversas medidas de inflação subjacente em níveis baixos. As projeções de inflação do Banco Central caíram em comparação com as da última reunião tanto para este ano como para o próximo, passando de 3,3% para 2,9% em 2017 e de 4,3% para 4,2% em 2018". Ademais, a leitura do mercado é de

que o BCB poderá realizar mais um corte na reunião de fevereiro do próximo ano, algo como 25pb, mas o comunicado ressalta que o atual estágio do ciclo recomenda cautela na condução da política monetária. A nossa leitura é de que o BCB esperará para avaliar as implicações de um possível adiamento na votação da reforma da previdência e seus reflexos sobre o mercado financeiro e risco -país para decidir sobre a continuidade nos cortes da selic em 2018. Mesmo atingindo a mínima histórica de 7,0% na selic, o Brasil se mantém em terceiro lugar no ranking das taxas de juros reais internacionais, com a taxa de 2,89%, só perdendo

para a Turquia e Rússia com 4,61% e 4,10%, respectivamente. É importante observar mais uma vez que em relação aos demais países que compõem os BRICs, como China, Índia e África do Sul, a taxa brasileira ainda se encontra acima das destes países que estão em 1,92%aa, 1,31%aa e 1,15%aa. Em função dos problemas estruturais como níveis baixos de poupança e de produtividade a tendência da selic real é aumentar no médio prazo para 5,0%aa, segundo estimativa do próprio Banco Central a partir de pesquisa realizada junto ao mercado financeiro, o que reduz a rentabilidade de empreendimentos no setor real da economia.

## A produção Industrial Brasileira em outubro de 2017



O desempenho da indústria brasileira em outubro de 2017 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, crescimento na margem de 0,2%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 5,3%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “desde a entrada do segundo semestre, a indústria vem apresentando resultados positivos, na maior parte dos meses, porém muito próximos de zero. Outubro não foi diferente e registrou variação de +0,2% frente ao mês anterior, já descontados os efeitos sazonais. A falta de ímpeto, que faz com que a recuperação do setor por vezes se confunda com uma mera estabilização, denota a fragilidade desse processo. Esse desempenho, ao menos,

veio acompanhado de uma boa disseminação de variações positivas entre os ramos industriais: 15 dos 24 ramos acompanhados pelo IBGE, na série com ajuste. Infelizmente, esse quadro não se repetiu em termos regionais, já que apenas 6 dos 14 parques locais pesquisados conseguiram obter aumento de produção em outubro. As exportações, vale notar, vêm se firmando como um destacado fator da reativação do setor como um todo. Em boa medida, a alta da produção de 5,3% frente a outubro do ano passado – o melhor resultado na comparação interanual – foi ajudado pelo aumento de nada menos que 21,4% do quantum de manufaturados exportados. No acumulado do ano até outubro, as exportações (+4,6%) continuam crescendo à frente da produção (+1,9%), contribuindo para

sua recuperação. “Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,3% em outubro de 2017. A melhora do indicador frente ao mês imediatamente anterior foi de 0,4 ponto percentual, interrompendo dois meses seguidos de declínio. O atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80,5%). O indicador da CNI, a seu turno, também continuou registrando um nível historicamente baixo da utilização da capacidade em outubro de 2017: 77,7%, contra 81,2% na média desde jan/03. Na passagem de setembro (77,5%) para outubro houve aumento de 0,2 ponto percentual no indicador, já descontados os efeitos sazonais”.

### Variações da Produção - Outubro - 2017 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,2	5,3	1,9	1,5
Bens de capital	1,1	14,9	5,6	6,0
Bens intermediários	-0,8	3,1	0,9	0,7
Bens de consumo	1,0	7,2	2,9	2,1
Bens de consumo duráveis	-2,0	17,6	12,4	11,4
Semiduráveis e não Duráveis	2,0	4,9	0,7	0,0
Extrativa Mineral	0,3	3,0	5,8	5,7
Transformação	0,5	5,6	1,4	0,9

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

Lançamento de NOV 2017:

Índice Global de Inovação de 2017: A Inovação Nutrindo o Mundo

Disponível em:

<http://www.portaldaindustria.com.br/publicacoes/2017/11/indice-global-de-inovacao-de-2017-inovacao-nutrindo-o-mun->

#### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

#### INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E

PESQUISA DO IEL/AL

#### EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Jéssica Maria Silva Cabral

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luan Victor Ramalho de Oliveira

Yan Vasconcelos Navarro